Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno II — N. 65 | DOMINGO, 11 DE AGOSTO | Numero: 300 réis

CHRONICA

Eu, francamente, prefiro o parlamentarismo. Mas não vão agora os leitores da *Revista da Semana* suppôr que tambem fui consultado sobre o Balanço Politico do sr. dr. Alberto Salles. Livra, que nessa não cahia eu. Os leitores era possivel que me perdoassem. E as leitoras? Essas nunca me absolveriam e sem a sua attenção benevola que resta ao pobre chronista? O ministerio da justiça, o logar de chefe de policia ou o suicidio. Um horror!

Nada receiem, senhoras e senhores. Eu sou dos que pegam na politica com um papel ou uma folha de couve, para me não sujar. Não ha luva branca, fichú Maria Antoinette, foulard japonez ou alma limpa que resistam a esse contacto. Entra-se para lá virginal e sahe-se vinho virgem. E' tremendo!

Não ha porém remedio senão atural-a, emquanto as sociedades fôrem o que são. E nessa emergencia fatal, deante dessa necessidade cruel, do mal o menos: voto pelo parlamentarismo.

E voto porque, apezar dos pezares, ao abrigo da sua ramada, tão velhinha mas ainda tão frondosa, altas e nobres cousas se têm feito no vasto mundo das idéas. Elle nos trouxe a liberdade, elle nol-a conservou atravez de todas as tentativas de regressão á tyrannia. E a liberdade é tudo, a liberdade é a vida. Se não fôra ella, nem vós, leitora, precisarieis saber ler nem eu teria este regalo, muito grato ao espirito, de comvosco conversar.

Gosto delle, sobretudo, porque é mais artistico e consequentemente mais selecto. Não é grande parlamentar quem quer e muito menos quem os outros querem que seja. Ha, é claro, nos parlamentos, a planicie, onde coaxam as rãs, onde rastejam os vermes, onde gorgulham todos esses seres mal acabados, imperfeitos, semi-amorphos, corações de um só ventriculo, aortas defeituosas, circulações incompletas. Mas ha tambem a montanha, ha a tribuna que pela sua altura e pela sua pompa attrahe o genio e repelle ou apavora o mediocre. Dahi a differença!

Desde já comprehende a minha querida leitora, com a sua percepção natural da belleza e da harmonia, quantas qualidades não serão precisas para em tal regimem exercer influencia real na sociedade do nosso tempo, tão intelligente, tão culta, tão rebelde e tão iconoclasta para os falsos deuses. Um ambicioso vulgar, no parlamentarismo, só excepcionalmente poderá alcançar essas posições tão invejadas de onde os homens governam os outros homens e se, por um acaso feliz, obtiver uma dellas na loteria do destino, não poderá sustental-a e a fortuna, cansada, lhe voltará as costas.

E é assim que, máo grado seus erros e precalços, seus defeitos e seus vicios, elle tem sido o palladio de todas as nobres conquistas da humanidade na ancia constante de mais justiça, de mais tolerancia, de mais bondade, de mais esthetica em todas as relações da vida politica e social. Foi elle que tornou os costumes mais brandos, a punição menos atroz, mais intima a solidariedade, mais aborrecida a guerra, mais escutada a piedade. Foi elle que nos deu Mirabeau e Fox, Vergniaud e Pitt, Sheridan e Berryer, Lally Tollendal e Royer Collard, Lamartine e Castellar, Benjamim Constant e Passos Manuel, José Bonifacio e Cotegipe, Lafayette e Affonso Celso, Antonio Candido e Ferreira Vianna e tantos, e tantos, que encheriam volumes.

E que nos deu até hoje o presidencialismo? Washington, a mais pura tradicção da liberdade constitucional e parlamentar ingleza; — e Marshall, um juiz que passou a existencia a obrigar os homens politicos do seu paiz a não esquecer que o segredo da virilidade da sua raça estava no seu respeito á Constituição.

Agora reparo que não querendo occupar-me de politica só della me occupei. Pois fiquem sabendo que muito de proposito o fiz. Tenho uma varinha de condão que me diz que todas as leitoras da *Revista* são parlamentaristas.

Jacques Bonhomme.

RIO DE JANEIRO — Aqueducto e floresta do Sylvestre.

O POEMA DOS FILHOS

A NOITE

« Sou feliz! Meu filho ri! »

Certo essas phrases, que parecem uma canção de luz, descobrem-nos as jubilosas claridades de um espirito illuminado por um sol novo de contentamento matinal, encantadora visão de alegria que nos convida a viver.

É que o filho derrama por todo o lar a dourada pedraria do prazer que fulgura expansiva na alma, como o capitoso vinho espumejante em seu transparente ninho de crystal.

Mas essa manhã de encantos tem sua noite de horas inquietas e de silencios longos: sombras daquella luz, tão intensas, quão radiante é a claridade de que emanam; espectros da dôr, que cobrem de luto a nossa alma.

E a criança não a quer abandonar, receiosa de que na escuridão a levem os fantasmas lividos que subitamente surgem ao pé de seu berço.

É que assim como os filhos com o simples contacto de suas mãosinhas fazem gyrar o sol da alegria nos espaços do céo, assim tambem, tão debeis, tão morbidos, tão brancos, pedaços de vida que adormecem, quando chegam as horas tristes torcem e maltratam, como se dispuzessem de garras de titans, os corações fortes, os corações velhos e os corações frivolos: omnipotentes na dôr, como invenciveis na alegria.

Uns olhos que se entristecem, uma cabecinha que se abaixa, um movimento extranho nos labios em que só devem brincar ingenuos sorrisos, são outros tantos crepusculos que espalham apprehensões pela casa, invadindo-a de sombras agoureiras.

Então na primeira revolta contra o soffrimento que se approxima despotico e brutal, os espiritos por elle ameaçados, contorcendo-se ao peso da angustia procuram as exprobrações como desabafo.

— Está claro!... A criança sahiu desagasalhada esta manhã... são descuidos que se pagam caros...

— Mas tu mesmo já o achaste hontem abatido e com tosse...

— E' o mesmo; é a consequencia de não se fechar essa porta logo que se passa...

— Foste tu quem a deixou aberta...

— Eu?! Pois ainda não tens desculpa porque deixaste a criança na corrente de ar...

— Está claro, sou eu sempre quem tem a culpa...

— E não hei de chorar!... Um descuido... Emfim veremos o que diz o medico.

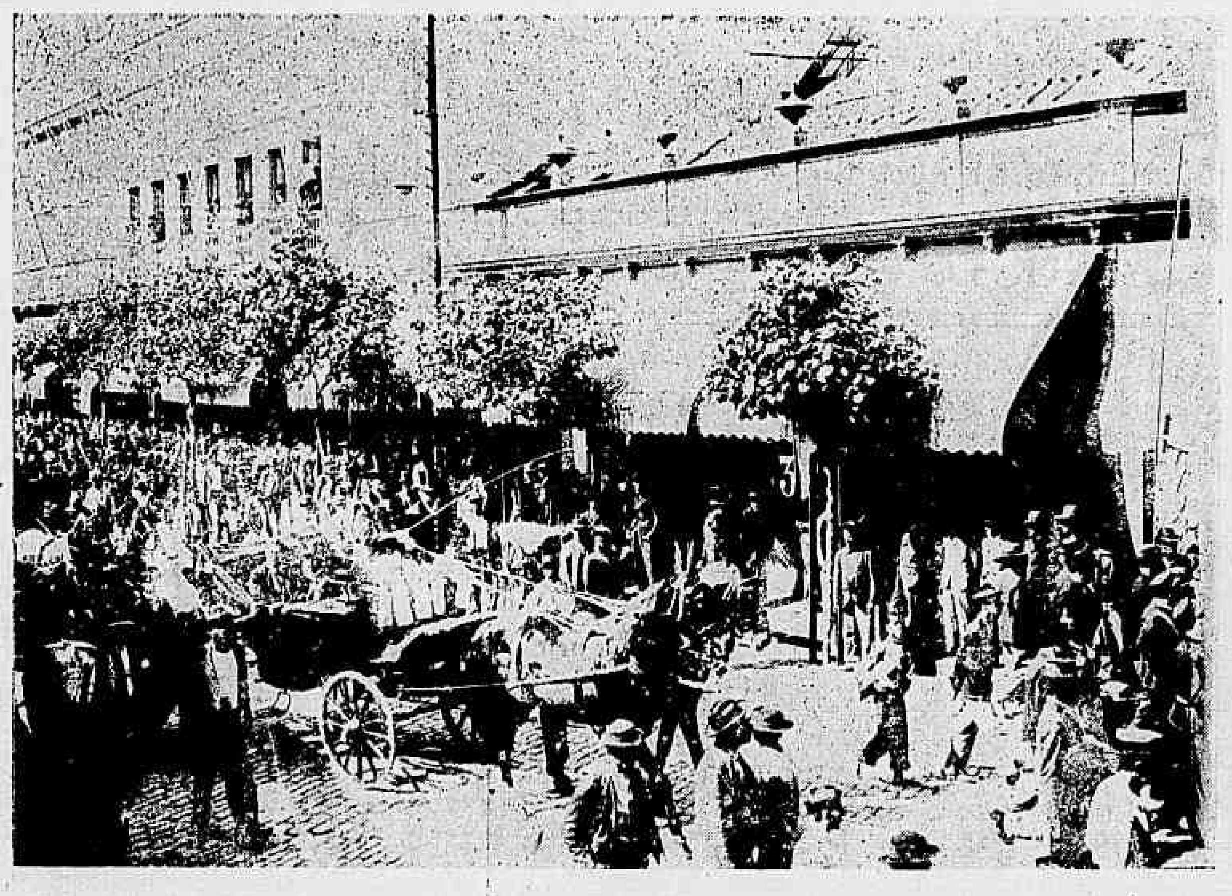
É a impressão do primeiro momento que torna injustos e aggressivos os que vão soffrer!...

Logo, porém, domina a angustia commum, restabelece-se a calma, e os animos, unidos, dirigem-se para o fantasma da morte, segundo a graphica expressão de Salvador Farina.

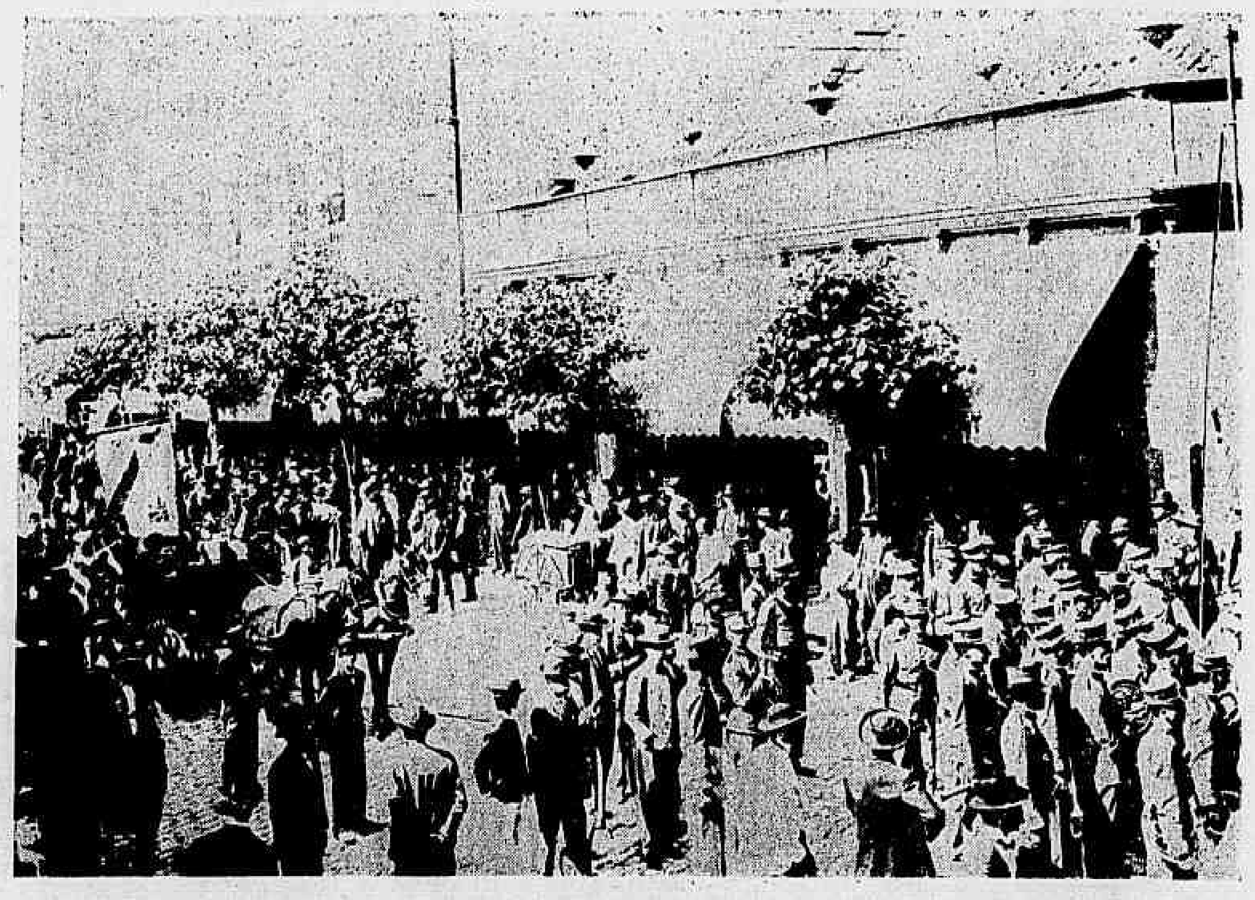
Esse fantasma surge e desapparece rapidamente nas tristezas da noite, essas noites de enfermidade de um filhinho, todas eguaes e todas terriveis, que quando vão terminando opprimem e acabrunham o animo como uma sombria ameaça.

O quarto a meia luz, quasi escuro, num pesado silencio; a figura do medico que se retira sempre muito apressado como se o incommodasse a permanencia alli, e que, já na porta, dá como unica resposta ás interrogações insistentes dos olhares: — « Amanhã veremos; veremos amanhã; » depois, o continuo monologo da lamparina que vela resignada, melancolica, evocando apenas a imagem da mãe, sentada junto ao berço observando fixamente o pequenino enfermo que jaz occulto entre as cobertas; de quando em quando algumas palavras que se perdem sem vibração, o reflexo

MANIFESTAÇÃO Á SUISSA

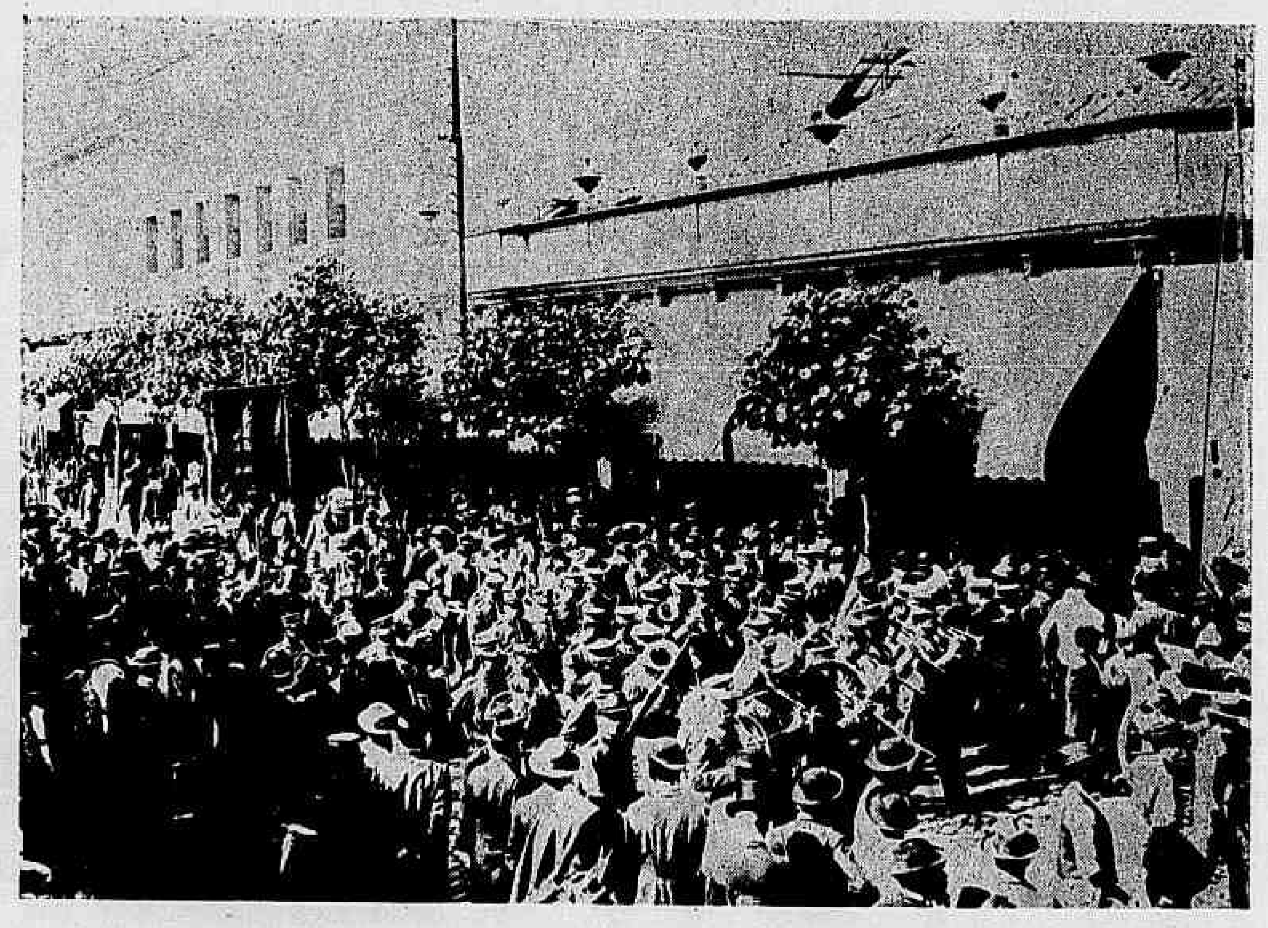


O sr. Henri Raffard, chanceller do consulado suisso, e a commissão organisadora da festa, por occasião de sua passagem pela rua do Theatro, em direcção ao S. Pedro de Alcantara.



O estandarte da Escola Polytechnica ao passar o prestito pela rua do Theatro, em direcção ao S. Pedro de Alcantara.

O estandarte do Gymnasio Pio Americano ao passar o prestito pela rua doTheatro, em direcção ao S. Pedro de Alcantara.



O estandarte e a banda de musica que encerravam o prestito por occasião de sua passagem pela rua do Theatro, em direcção ao S. Pedro de Alcantara. (Phot. da *Revista da Semana.*)

de uma colher, além, sobre a commoda, e o horrivel rotulo dos vidros de remedio: «Uma colher de duas em duas horas.»

De repente um flebil gemido, um movimento no berço: a criancinha que soffre.

... É infinita a escala dos soffrimentos das criancinhas, que não podem explicar o que sentem, e hão de julgar crueldade de alguem fazel-os soffrer, tão pequeninos, tão innocentes!

Não ha, sem duvida, na vida nem na arte, espectaculo ou scena que dê tão clara e tão pura noção da dôr, da dôr intima e grande, como a de uma criança que padece, porque ao proprio soffrimento reune-se a injustiça do soffrimento, que martyrisa aquelles pequeninos seres que nada fizeram para merecel-o e que hão de perguntar a si mesmos, no meio de sua afflicção, qual a causa de tamanho castigo...

Se pensardes em qualquer das manifestações desse soffrimento, por maior que seja a vossa resignação ante os designios da Providencia, vos parecerá, ao experimental-o, a mais iniqua injustiça, verificareis que a variedade dessas manifestações corresponde no coração um unico sentimento de uniforme intensidade: infinita pena do pequenito maltratado, que apenas tem um infantil gemido para esprobar a crueldade da morte.

Pensae na criancinha que se consome, deixando transparecer em sua fronte envelhecida sombras que vos fazem experimentar o frio da grande noite de além tumulo; na criancinha que adormece ligeiramente, deixando pender a cabecinha loura como uma flôr que emurchecida morre; na criancinha que se queixa como uma avesinha enferma, num lamento egual e continuo, que se sente como uma forte dor em meio a um pesadelo; na criancinha que se abrasa em febre e cujo corpo não quizereis tocar nem sentir, porque reconheceis, ao tocal-o, que sob a sua epiderme circula implacavel o mal que o acabrunha; na criancinha, emfim, que se sente asphyxiar e que vos pede ar sem que lhe possaes dar todo o que alimenta os vossos pulmões para evitar que ella agite os seus debeis bracinhos como um naufrago do berço...

Pensae em tudo isso e comprehendereis o pranto, a explosão das lagrimas em todos os peitos, que se despedaçam.

E a noite passa, vagarosa e triste, como um manto negro que alguem arrasta silenciosamente.

O fantasma pallido se afasta deixando nascer as falsas alegrias da illusão forçada; um caprichoso e

Cruzador allemão *Vinela.* (Phot. Marc Ferrez).

trahidor abaixamento do thermometro, esse inexoravel thermometro, cuja columna fria faz-nos ter calafrios ao vel-a subir, subir sem piedade, dizendo em sua gelada indifferença: «Morre»; as repentinas melhoras, as melhoras perfidas, que de repente animam o doentinho, que o fazem rir e brincar, e com as quaes se engana o

Cruzador allemão *Vinela* — grupo de artilheiros. (Phot. L. Iglesias).

espirito avido de esperanças, embora não creia nellas e reconheça a falsidade daquella nervosa alegria do enfermo, o extranho brilho, pallido, de seu olhar.

E' então que se costuma ver um infeliz que tem a alma sangrando, dansar, cantar, fazer piruetas como um palhaço, projectando sombras loucas e disformes na penumbra das paredes, afim de conservar por alguns momentos mais aquella fallaz alegria do pequenino enfermo, e ir depois occultar-se no quarto contiguo, que não conta o que vê, que a ninguem diz que o saltimbanco improvisado foi alli desafogar a oppressão das lagrimas numa tempestade de soluços...

. . . .

A noite continua a sua marcha, a noite com o dormitorio a meia luz, com seu pesado silencio e passos abafados; a figura da mãe, sempre junto ao pequenino berço, destacando-se como uma pallida visão de dolente aspecto na tristeza da penumbra; de quando em quando o plangente som das horas que se vão como sentinellas que acabam a sua guarda e desapparecem na sombra sem voltar o rosto; mais tarde compassado toque de alvorada em um quartel proximo; badaladas humildes chamando timidamente os fieis á missa; e, finalmente, a madrugada, os primeiros alvores, que penetram no quarto denunciando em tudo, nos rostos, nos objectos, nas roupas, o agitado cansaço da insomnia; a desolada aurora das noites tristes com a sua lividez que dá frio; o amanhecer severo e enignatico, cuja claridade, em vez de um sorriso do dia parece um esgar da noite a expirar, da noite que se tornou pallida tambem, pela insomnia, pela agonia e pelo espectaculo da criancinha que soffre no dormitorio a meia luz...

Arthur Giménez Pastor

CHRONICA DA ELEGANCIA

Paris, 13 de julho de 1901.

La femme n'est tenue qu'à être belle — disse mme. de Girondin.

Mas, se isso foi em outro tempo uma verdade absoluta, soffre já hoje as mais serias contestações.

Pelo menos é o que se deprehende da discussão que foi aberta por um jornalista de Vienna d'Austria e na qual tomaram parte diversas folhas parisienses.

— A belleza! a belleza! isso já é hoje uma questão secundaria! exclamou o doutor Dys, intervistado por um dos redactores do *Figaro*. A divina pureza das linhas desappareceu quasi do mundo ou pelo menos da Europa. Imagine a Venus de Milo de *robe collante* e *loque fleurie!*... O que agora se exige é a graça, é a elegancia, é a gentileza, o que vale muito mais do que a belleza antiga, porque se esta é um dom natural, a outra é um verdadeiro dote artistico. A mulher que o possue, sendo joven — ou parecendo ser, o que é absolutamente a mesma cousa — será sempre um objecto digno de geral adoração.

— A belleza, disse por sua vez um pintor allemão, é sem duvida alguma para a mulher cousa muito menos importante do que *le charme*. Ha mulheres de grande belleza que não agradam tanto quanto outras que são simplesmente bonitas.

Falta-lhes esse *não sei que*, que não é de certo a belleza, porém uma cousa muito mais difficil de ser encontrada; e, por consequencia, muito mais digna de nota.

E, mais ou menos, desta forma, discorrem todos aquelles que se têm occupado do assumpto.

Colinette.

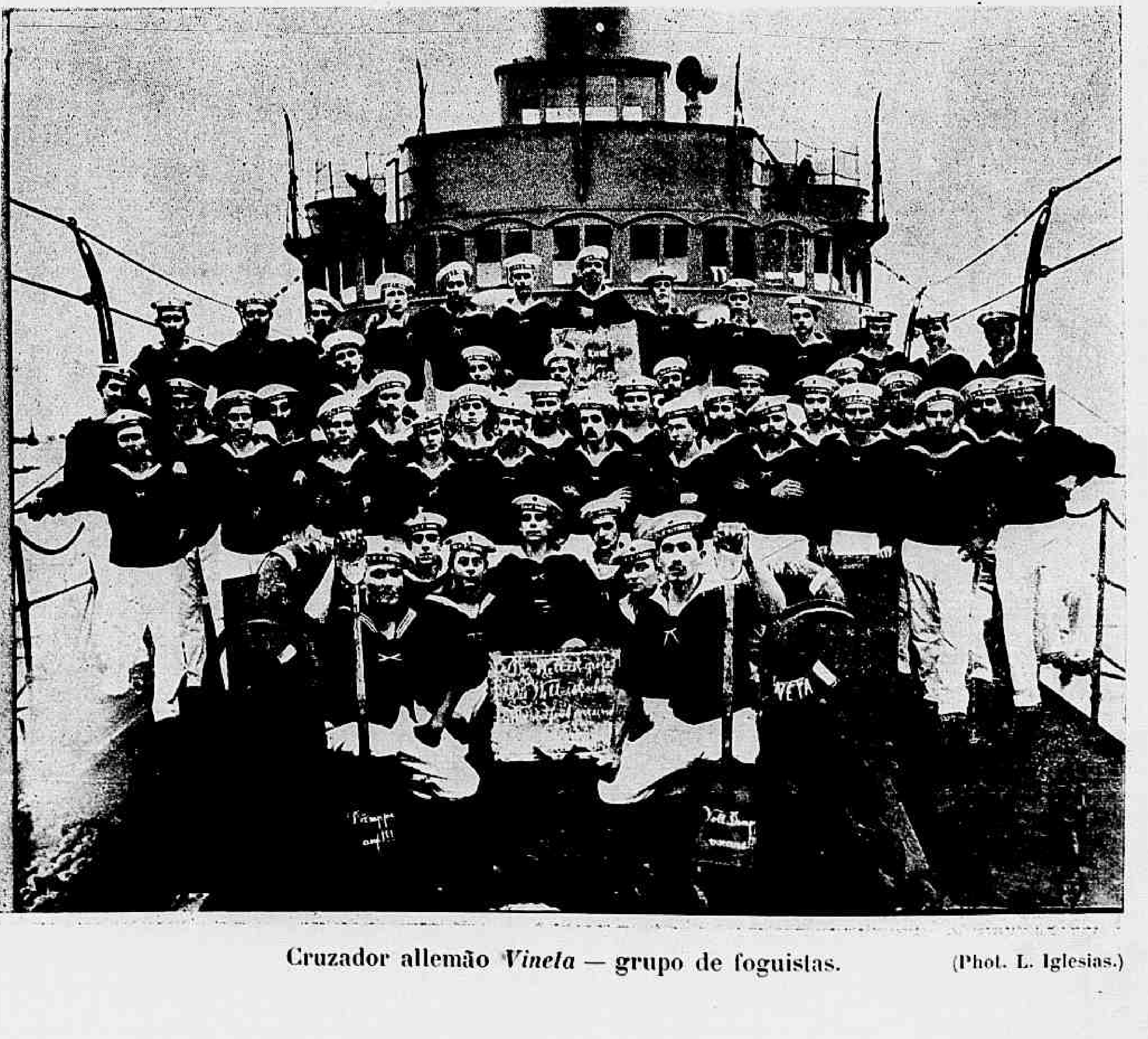
Crianças que tomam parte no festival em beneficio do Hospital-Crèche.

Um individuo dizia a um menino chorão:

— Os meninos que choram muito, quando crescem ficam feios.

— Então o senhor chorou muito quando era pequeno!

MODAS DA SEMANA — Ultimos figurinos



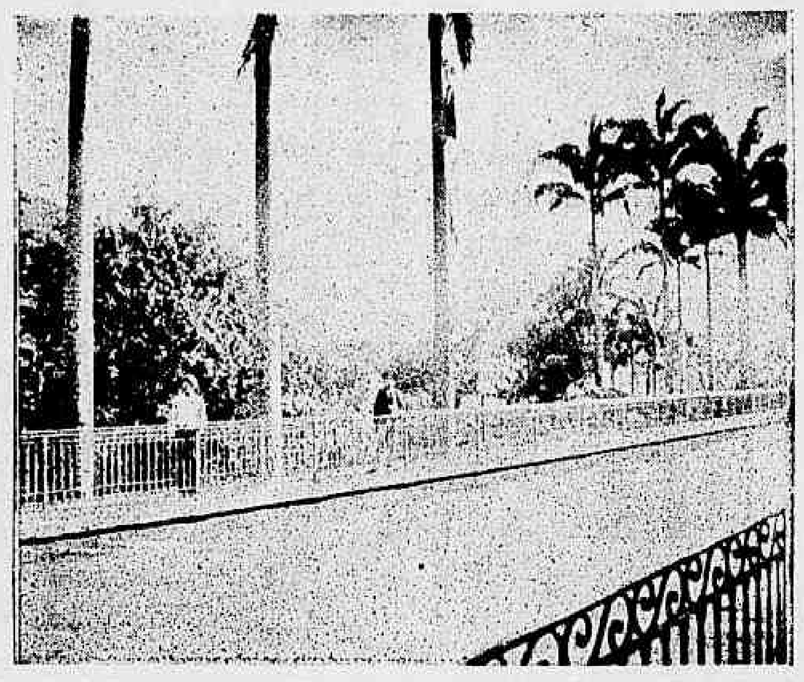
Cruzador allemão *Vineta* — grupo de foguistas. (Phot. L. Iglesias.)

UM TUMULO

(AO MEU IRMÃO LUIZ.)

QUANDO passares por aquelles caminhos ermos, ensombrados pela copa frondosa do arvoredo, procura entre os troncos macissos das arvores seculares, uma cruz tosca de madeira, descobre-te reverente e ora pelo infeliz que alli repousa.

A piedade dos homens não conseguiu ainda proteger os seus restos contra o abandono em que jazem; os parcos recursos dos moradores da aldêa não permittiram transportal-os para o cemiterio proximo, onde descansam a sua extremosa esposa e a filha mais querida. Alli, onde o encontraram morto, cavaram o seu tumulo, simples como a sua vida de aldeão honrado, e,



Rio de Janeiro — Tijuca — Caixa d'agua.

como homenagem piedosa ás virtudes que praticára, vão de quando em quando visital-o, orando a Deus pela sua alma de justo.

O viajor desprevenido, quando á noite atravessa aquellas paragens ermas, é sorprendido pela luz mortiça de uma vela que arde sobre o monte de pedras que circumda aquelle tumulo pobre: é a piedade de seus antigos companheiros que mandam todas as tardes prestar essa homenagem ao seu amigo extincto, á hora triste do Angelus, quando a brisa da tarde, numa plangencia desanimadora, geme nas frondes do arvoredo a sua jeremiada de magoas.

RIO DE JANEIRO — Typos da rua — O engraixate.

(Barroso Netto, photographo-amador).

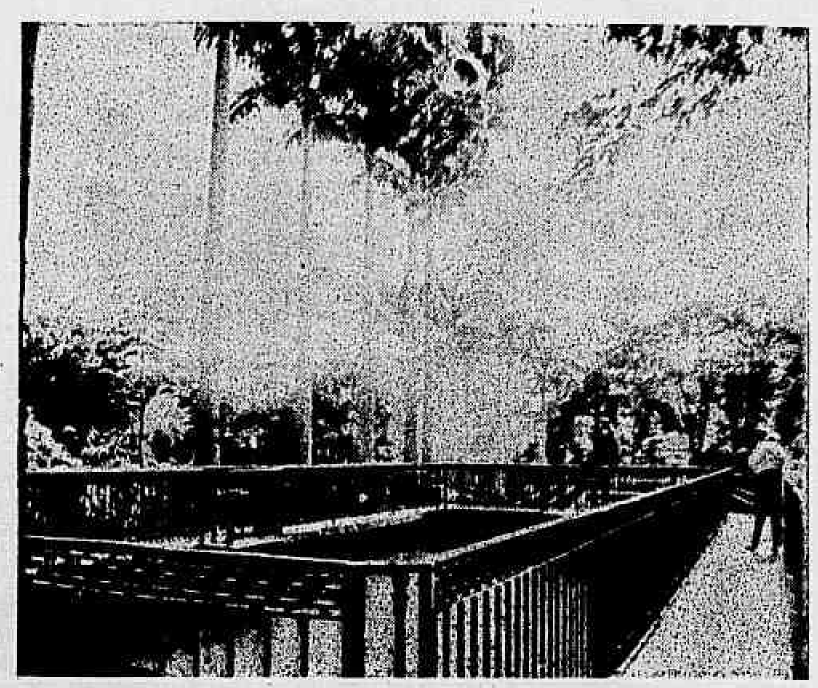
Nunca ninguem me contou a historia desse morto: ha, no emtanto, na aldêa, lendas diversas sobre a sua vida, maravilhosas umas, outras da mais ingenua simplicidade...

Nunca saberás tambem a sua historia...

Os aldeãos guardam-na avaramente para os que alli nasceram como um precioso legado, como o segredo, jamais desvendado por extranhos, da sua invejavel paz e doce tranquillidade.

Quando por alli andam, em virtude de seu trabalho ou da romaria que periodicamente fazem áquelle tumulo modesto, todos deixam ao sopé da cruz tosca e negra que protege o somno do seu querido morto, uma flôr roubada ás mais raras plantas de seus jardins ou simplesmente uma pedra tirada de entre as muitas que juncam as estreitas viellas da sua aldêa.

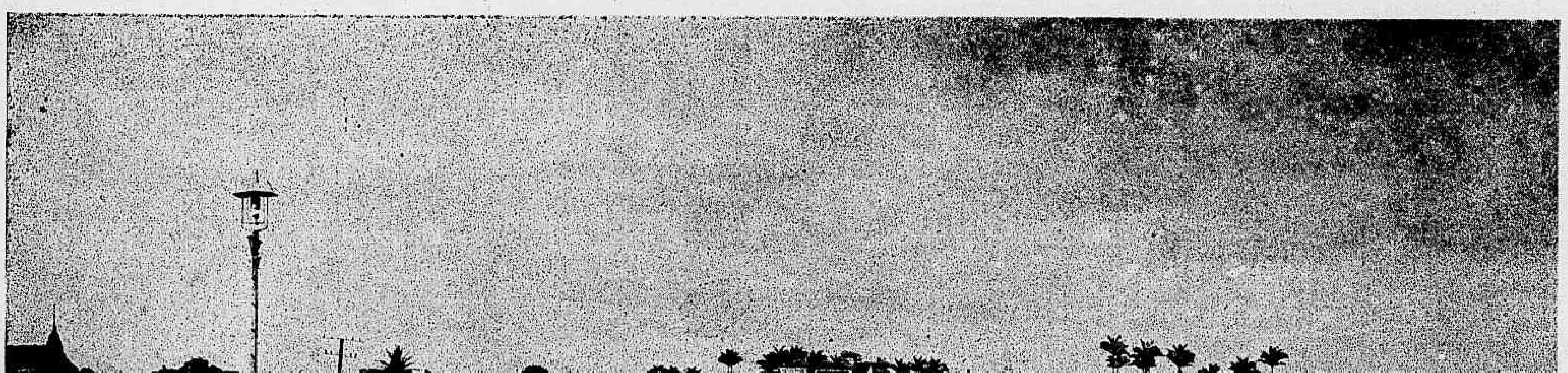
Nunca poderás saber a historia desse morto... mas



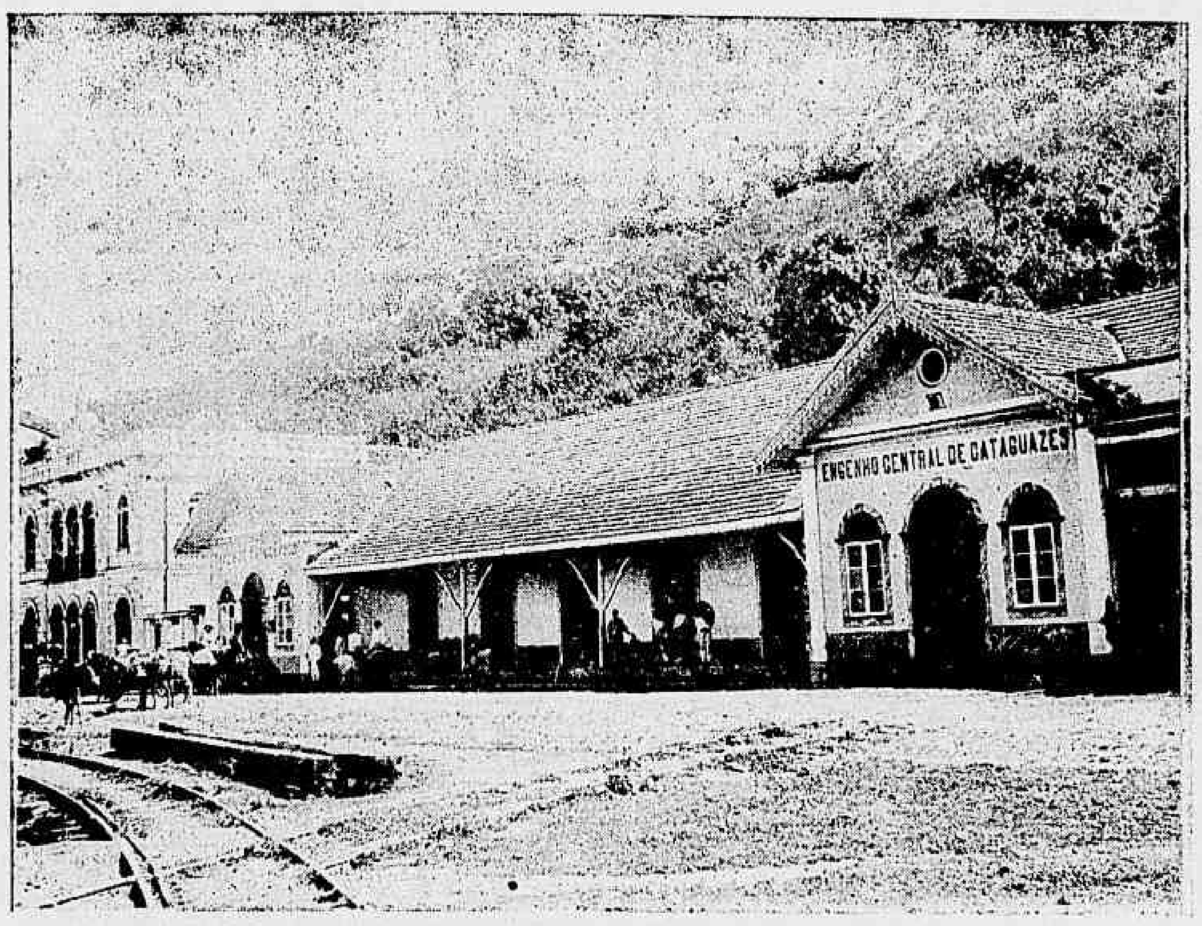
Rio de Janeiro — Tijuca — Caixa d'agua.

se passares algum dia por aquelles caminhos ermos, ensombrados pela copa frondosa do arvoredo, procura entre os troncos macissos das arvores seculares que os marginam, uma cruz tosca e negra de madeira, descobre-te reverente e ora pelo infeliz que alli repousa...

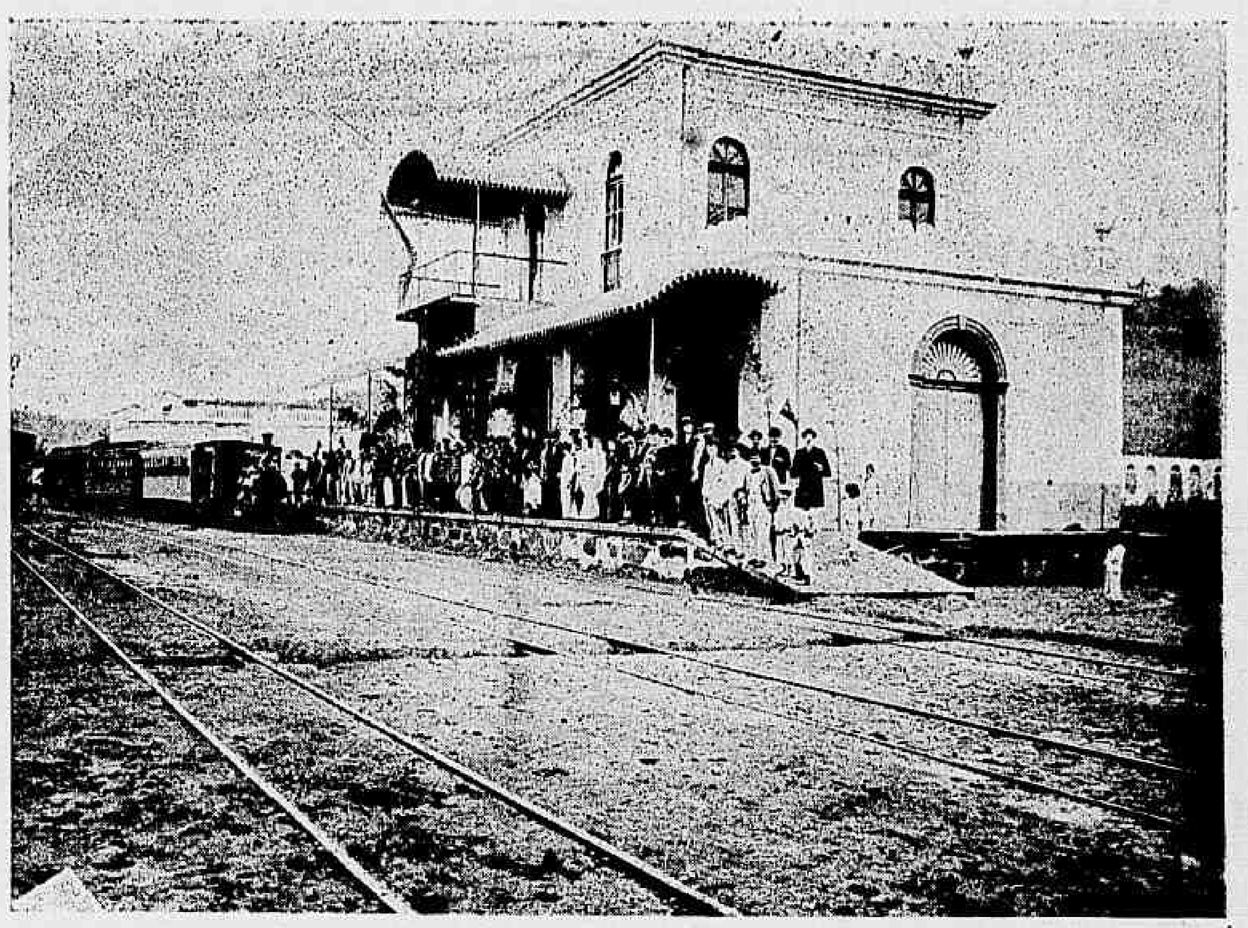
Felinto de Arcovêda.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Ponte sobre o rio Parahyba, em Campos. (Phot. do amador Alfredo Jober).



ESTADO DE MINAS GERAES — Engenho Central de Cataguazes, de propriedade de João Duarte Ferreira & C.



Partida do primeiro trem de recreio para Santo Antonio do Muriahé, no dia 1 de outubro de 1899, em Cataguazes.

OS THEATROS

Não ha mal que sempre dure, discursa o rifão.

A's vezes, o publico desta capital queixa-se e com razão, da insipidez das noites; não ha onde passar umas horas de lazer, onde fazer um serão agradavelmente, entre o cavaco alegre e alguns numeros de musica.

Passam-se noites e noites, sem que se abram as portas dos theatros; agora, porém, a cousa é outra; temos de tudo e para todos os paladares.

No Apollo, a companhia Souza Bastos dá operetas de varios generos, novas e velhas, inclusive a *Grã Duqueza*, uma peça que conta mais de um quarto de seculo e que é sempre applaudida; no Recreio, a companhia de zarzuela, representa *La Tempestad*, *Marina*, *Jugar com Fuego* e tantas outras do repertorio de todas as companhia daquelle genero, e o publico afflue ao theatro, applaudindo os artistas, bisando os melhores numeros e sahe bem disposto, trauteando o trecho que lhe cahe no gôto.

No Lyrico, o sr. Sansone consegue reunir o *dilettantismo*, dando as composições de Verdi, de Pietro Mascagni, de Leoncavallo, de Rossini, de Donizetti, Meyerbeer e outros.

De successo em successo a companhia lyrica tem tido enchentes e applausos sem conta.

Ah! A bôa musica teve sempre um culto especial e mesmo os profanos embebem o espirito nas harmonias do canto, nos effeitos da orchestração, na delicadeza da tessitura, no sentimento, no gosto, na inspiração dos compositores.

A Bohemia agradou muito; *O Trovador*, por ser uma opera antiga, deixou muitos descontentes.

O publico tem tido, pois, onde matar o tedio.

E como se tudo isto não bastasse, como um cunho de novidade, que desperta a curiosidade dos amantes da arte, o *Moulin Rouge* continua as *soirées* onde a mocidade e a bohemia limpa passa, no minimo, tres horas, ouvindo cançonetas picantes, maliciosas, com o sabôr das phrases equivocas, que as *chanteuses* graciosas accentuam, petulantes e provocantes.

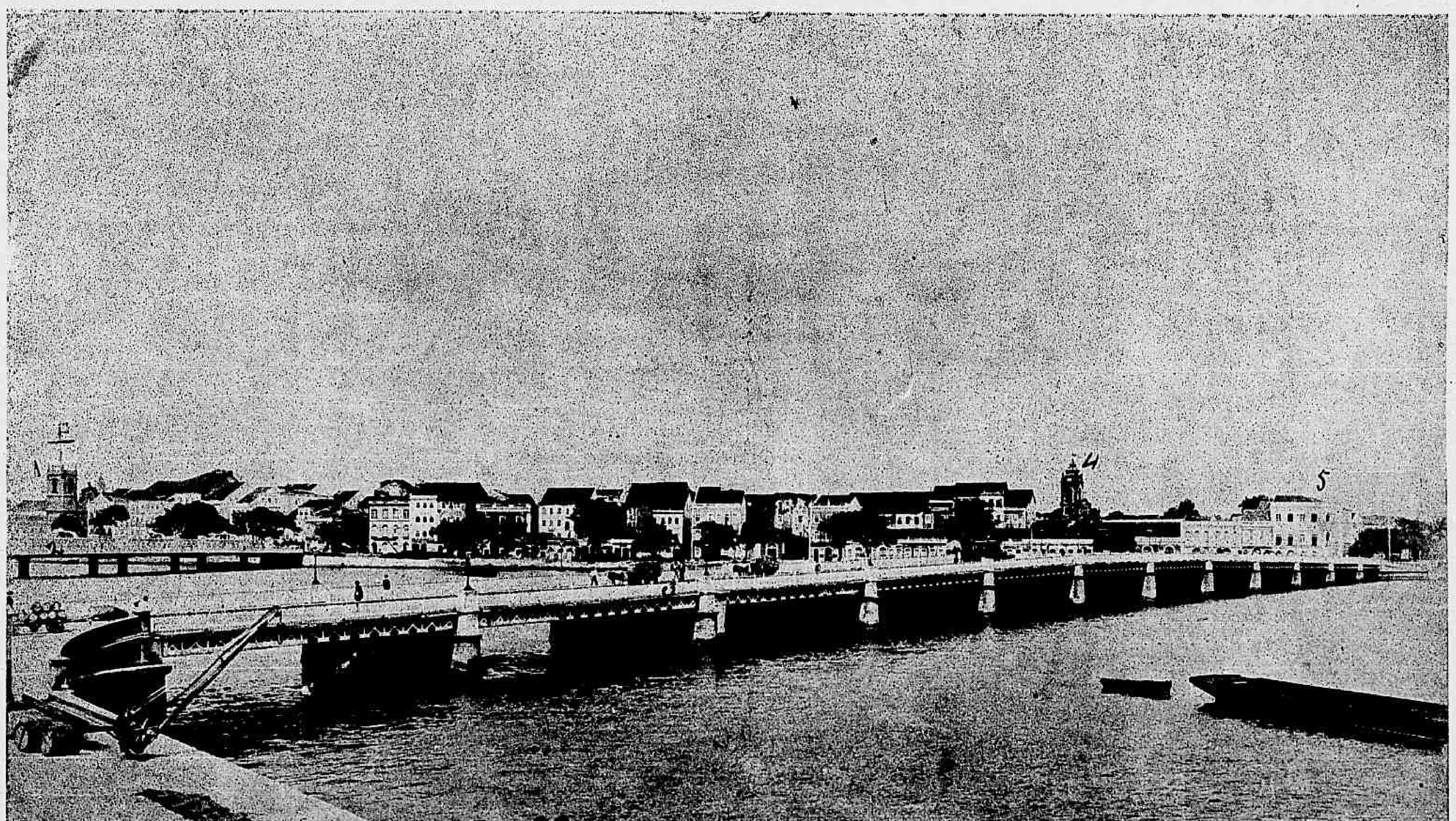
Não ha mal que sempre dure...

P.

A' porta de um collegio de surdos-mudos:

— Porque tocam esta sineta se os alumnos são surdos?

— E' para avisal-os que não conversem muito alto.



ESTADO DE PERNAMBUCO — 1, Telegrapho optico; 2, Ponte do Recife; 3, Ponte Buarque de Macedo; 4, Egreja de S. Francisco; 5, Predio da Intendencia.

AS NOSSAS GRAVURAS

Actualidade brasileira.—Manifestação á Suissa. Foi levada a effeito no dia 1º do corrente, nesta cidade, uma manifestação á Confederação Helvetica.

As quatro instantaneas que apresentamos, de quatro differentes partes do prestito, então organisado, foram tiradas na passagem do mesmo pela rua do Theatro, em direcção ao S. Pedro de Alcantara, onde se realizou a sessão solemne.

DR. SABINO BARROSO
Ministro da Justiça.
(Phot. Americana).

Dr. Sabino Barroso. Assumiu, em dias da semana passada ,o cargo de ministro da justiça e negocio interiores o dr. Sabino Barroso.

Natural do Estado de Minas Geraes, occupou varios e elevados cargos tanto no passado como no presente regimem, representando ultimamente um dos districtos de seu Estado natal na Camara dos Deputados de onde sahiu para o cargo que hoje occupa.

Dr. Edmundo Muniz Barreto. E' o nome do chefe de policia ultimamente nomeado e de quem publicamos o retrato.

O dr. Edmundo Muniz é juiz do Tribunal Civil e Criminal, do qual foi varias vezes eleito presidente, cargo que deixou para assumir a chefatura da policia.

Parsondas de Carvalho. Publicamos hoje o retrato deste velho jornalista e valente excursonista que ha dias chegou a esta cidade.

O sr. Parsondas fez a viagem da villa da Imperatriz, no Maranhão, até á estação do Sitio, na E. F. Central, a cavallo, tendo partido daquella villa no dia 28 de janeiro do corrente anno.

E' maranhense, tendo residido durante muitos annos no Pará, onde redigiu o *Diario do Grã Pará*, o *Correio Paraense* o e *Diario de Noticias* do qual foi redactor chefe.

Cruzador « Vineta », da marinha de guerra allemã e que já ha algum tempo se acha fundeado na nossa bahia.

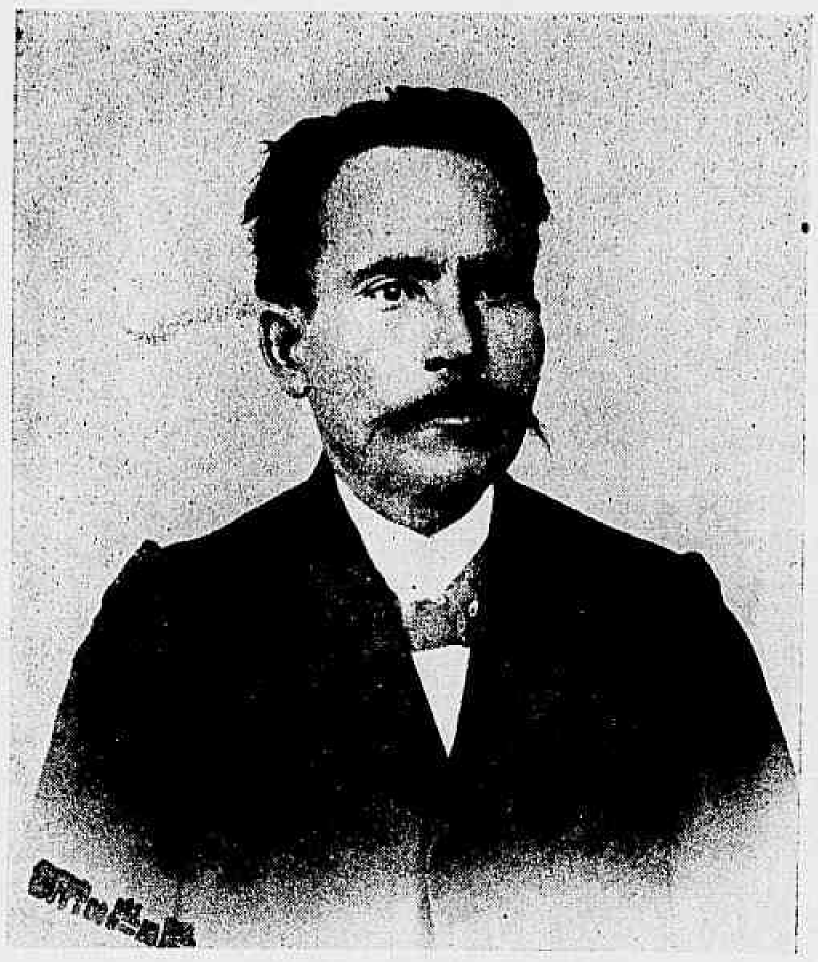
Uma gravura reproduz este bello navio e duas outras representam grupos de foguistas e artilheiros do mesmo cruzador.

Hospital-Crèche—Em uma das nossas gravuras vê-se um grupo de gentis crianças que vão tomar parte no festival do Club Gymnastico Portuguez em beneficio desse hospital.

Nossa Senhora das Neves em Paula Mattos—Publicamos, no presente numero, a photographia da capella da Irmandade de N. S. das Neves em Paula Mattos e os retratos dos membros da directoria da mesma Irmandade.

Pelos Estados—Bellissimas e nitidas gravuras reproduzem edificios publicos e particulares e pontos dos mais inportantes das capitaes dos Estados de Pernambuco e Alagôas e das cidades de Campos, no Estado do Rio de Janeiro; Cataguazes no Estado de Minas Geraes e Penedo no de Alagôas.

Rio de Ja-



PARSONDAS DE CARVALHO
Ex-redactor-chefe do *Diario de Noticias* do Pará.
(Phot. da *Revista da Semana*).

DR. EDMUNDO MUNIZ BARRETO
Chefe de Policia.
(Phot. Guimarães & C).

Administração e Capella da Irmandade de Nossa Senhora das Neves

JOÃO ANTUNES MOURÃO
Provedor

ANTONIO IGNACIO ALVES
Vice-provedor

LUIZ GOMES DA SILVA
Secretario

Capella de Nossa Senhora das Neves, em Paula Mattos.
(Phot. da *Revista da Semana*.)

ANTONIO J. GUIMARÃES SILVA
Thesoureiro

JOÃO SIMÕES FERREIRA
Procurador

NEIRO — O Aqueducto e floresta do Sylvestre, um dos mais bellos pontos desta cidade, é a gravura que orna a primeira pagina do presente numero. A caixa d'agua da Tijuca e um typo de rua, o engraixate, dão assumpto para as outras duas gravuras.

Todas as cartas dirigidas a esta redacção serão promptamente respondidas pela secção *Correspondencia* do *Jornal do Brasil.*

(50)

RAOUL DE NAVERY

OS IDOLOS

X

PROJECTOS DESMANCHADOS

O criado particular sahiu.

Ficando só, Sabina dirigiu-se lentamente para o seu oratorio e ajoelhou.

— Tu, que soffreste sósinho a tua agonia, da-me força para repellir o soccorro que se me offerece. Simão Cyrineu vae pedir-me a partilha de minha carga; faze, senhor, com que eu recuse esta coadjuvação fraternal. Tu lês nos corações, e sabes que o meu não tem segredos de que possa envergonhar-me. Guarda, duplicado pela gratidão, pela estima, um affecto profundo que nada extinguirá. Devo fingir-me indifferente, para salvar aquelle que exige metade de minha desgraça, de minha deshonra, e temo atraiçoar-me. Deus meu, sou uma mulher que passa pela provação, torna-me digna do titulo de christã, e, se é mister, leva-me até o martyrio.

Sabina sentia lagrimas ardentes subirem-lhe até os olhos; limpou-as rapidamente, levantou-se, e, com passo seguro, dirigiu-se para a sala.

Benedicto estava perto do *harmonium* que soára sob os dedos de Sabina, no dia de seu noivado. Tornava a ver essa scena intima e commovente, tal como se passára. Ah! dous mezes tinham apenas passado, e já parecia tão distante, tão antiga!

Absorvido nas recordações, o esculptor não ouviu os ligeiros passos de Sabina. Quando ergueu os olhos, encontrou-a diante delle, com a cabeça inclinada, os dedos enlaçados, os braços pendentes sobre o vestido preto.

— Sabina! exclamou, querida Sabina!

Pareceu á joven que um golpe violento lhe ferira o coração; teve receio de trahir-se e, tomando uma cadeira, firmando a voz, disse ao moço:

— Desejou fallar-me, senhor; o estou escutando.

— Não me esperava, Sabina?

— Sim, respondeu ella, e até quiz poupar-lhe este passo. Farei ao menos, agora, o que negligenciei até hoje; não podendo conservar illusões, tambem não posso guardar esperanças. Senhor Fougerais, devolvo-lhe a sua palavra...

(Continúa).

RECREAÇÕES

As soluções dos trabalhos publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada esmeraldina, *Amia — Damião*; da charada bisada, *Monada — Moda*; e da charada divergente, *Umbú.*

Companheiro, Grandhomme, Heitor Lima, Carmelita, Dagmar, Consuelo e Glorinha solveram todos os tres problemas; Flora, Gondoleiro, Mavorte, Coaracyára e Temporal os dous primeiros; Vandorf, Zut, Typão, Frantz e Nelson os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

LOGOGRIPHO POR LETTRAS *(Heitor Lima)*

O quadrupede — 1, 2, 3, 4 — tomou a fruta 5, 6, 7, 8 — desta fera.

CHARADA SYNCOPADA NOVISSIMA *(Zut)*

3 — 2 — A bola tem mancha.

CHARADA NOVISSIMA *(Publio)*

1 — 1 — A cidade tem planta de rio.

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 50

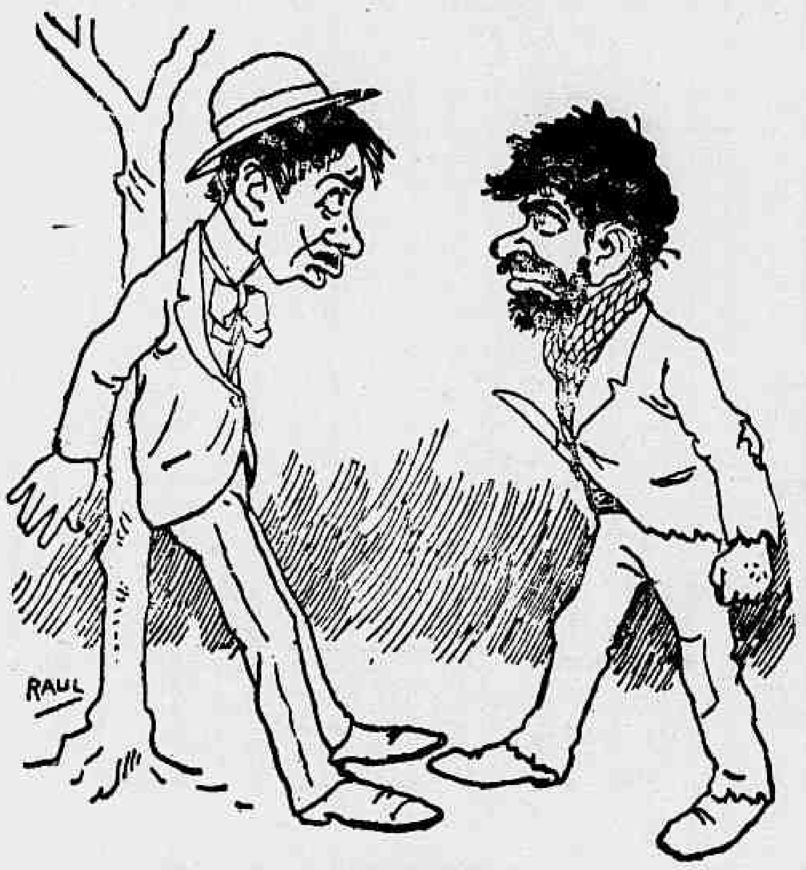
Um buraco.

PROBLEMA N. 51

O que é que quanto mais augmentado mais reduz?

Archimedes Junior.

A VOZ DA VERDADE



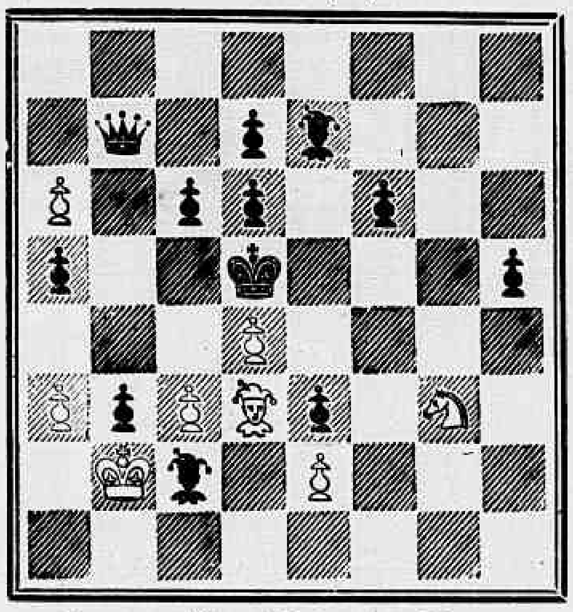
— Se te moves, estás morto!

— Tenha paciencia, meu rico senhor, se me movo é porque estou vivo...

XADREZ

PROBLEMA N. 65 — R. SCHULDER

Pretas (11)



Brancas (9) — Mate em 3 lances

Solução do problema n. 62

1	C 6 D,	R ⨯ C. 2. D 6 C x etc.
1	.........,	C ⨯ B. 2. D 3 C C x etc.
1	.........,	C 3 C. 2. C ⨯ P B x etc.
1	.........,	P 5 D. 2. D ⨯ P R x etc.
1	.........,	C. qualquer 2. D 3 B x etc.

Resolvido pelos srs. Benas (S. Paulo) Laís, A. Souza, Campos Junior, Salvio, Alipio de Oliveira, Silvano, Jafeno, Eug. Agostini, e Curioso. n. 61: Benas.

CORRESPONDENCIA

A. Souza Campos Junior. Desvanecidos pela collaboração que nos promette, aguardamos impacientes a remessa de alguns dos seus bellos trabalhos, que nesta columna terão o mais franco acolhimento.

O reapparecimento de um problemista esmerado, tal como justamente lhe reputamos, será muito salutar ás secções enxadristicas desta cidade, pois nutrimos a esperança de ver seguido o seu exemplo pelos outros compositores nacionaes, que nesses ultimos tempos, limitam-se a figurar como solucionistas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, « Secção de Xadrez ».

Heibas.

IRMANDADE
DE
NOSSA SENHORA DAS NEVES
EM PAULA MATTOS
FESTA DA PADROEIRA
HOJE
DOMINGO 11 DO CORRENTE
Missa solemne, ás 11 horas
Ladainha, ás 7 horas da noite
FESTEJOS EXTERNOS
Leilão de ricas prendas, grande fogo de artificio, balões, fogos do ar, etc.
No coreto, ao lado da capella, tocará uma banda de musica militar desde ás 4 horas da tarde.

LA ACUMULATIVA
COMPANHIA ANONYMA
MUTUA DE ECONOMIAS
Autorisada por decreto de 15 de Junho de 1899, do Governo Argentino
e por decreto do Governo Federal de 19 de Novembro do 1900
Capital: 1.000.000 de PESOS ARGENTINOS
200-Maipú Esq. Cangallo.-Buenos Aires
Agencias nas principaes cidades das Republicas:
Oriental, Argentina,
Paraguay e nos Estados do Brasil
REPRESENTANTE GERAL
ALFREDO DE LA FUENTE
45 Rua Primeiro de Março 45
1° e 2° andares
RIO DE JANEIRO

A SUL AMERICA
é a mais importante
COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA
Funccionando no Brasil
Possue fundos de garantia
Dinheiro realisado 6.700:000$000
Já emittiu seguros no valor de Rs. 85.000:000$000
Pagou por sinistros Rs. 2.000:000$000
Unica Companhia Brasileira que funcciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay
SÉDE SOCIAL
56, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

COMPANHIA
DE
LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL
SÉDE: CAPITAL FEDERAL
RUA NOVA DO OUVIDOR 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico — LOTERIAS
LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL
EXTRACÇÕES Á RUA S. JOSE' N. 92
HOJE sabbado 10 HOJE
ÁS 3 HORAS DA TARDE
GRANDE LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL
N. 75 — 3ª
200:000$000
Inteiros 15$000 — Vigesimos 750 réis
Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e **Luiz Velloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, **rogando-se a maior clareza nas direcções.**
Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.
ATTENÇÃO — A venda cessa uma hora antes da marcada para a extracção.

LYRISMO ETERNO OU PIEGUISMO CHRONICO

Soprano ligeiro, a *Humanidade*, entôa perennemente a cantilena da *civilisação*.
Com a Grecia, sob o jugo da Turquia, foi aquillo que se viu... lamuria a valer!..

Com a misera Cuba, está no dominio de todos, era melopéa e cantilena por dá cá aquella palha...

Com as Philippinas, todo o mundo está vendo, é uma choradeira que deixa muito para traz todos os Jeremias...

Com o Transvaal, é o que se vê todos os dias, um *pranto de chôro* em *dó de peito* que passa a perna em todas as carpideiras...

Com a China, sob o peso da Europa em peso, todo o mundo sabe, é cada bago de pranto que mais parece bagalhoça...

E sobre a miserrima Polonia, a anniquilada Polonia, foi outr'ora um Niagara de lagrimas!...
E é sempre a mesma cantiga platonica...
— Grandississima ingenua!

Formatura do corpo policial, em Maceió.

ESTADO DE ALAGOAS

Manifestação popular, em Penedo.